

Geografia - História - Cartografia

Fragmento do discurso com que MARIO TRAVASSOS — sócio correspondente do "Centro Cultural Euclides da Cunha" — recebeu o General Inácio José Veríssimo, seu novo confrade no "Instituto de História e Geografia Militar do Brasil", em 7 de Novembro de 1951. — — — — —

A História e a Geografia se encontram tão intimamente ligadas em suas interações como a cena e o cenário, o ator e o palco em que pese a diferenciação entre as ações da História e do Teatro. Neste, as cenas fluem através cenários adrede compostos para o seguro comportamento dos atores. Naquela, os personagens devem representar os seus papéis ao sabor das servidões geográficas, por vezes até como resultantes, eles próprios, dessas servidões. E ainda há a essência psicofísica dos atores que, no teatro, podem representar até mesmo papéis opostos à sua índole real ao passo que na História, são eles quase sempre expressões verdadeiras dos papéis que representam, por que emergentes do palco que os gerou.

A epopéia das Bandeiras em terras sul-americanas e a exploração do Oeste na norte-américa constituem exemplos dignos de meditação, nêsse particular, se estudamos paralelamente as cenas e os cenários em que se desenvolveram, embora escalonados no tempo, cada um desses notáveis lançes da formação histórica das duas grandes nações que hoje são o Brasil e os Estados Unidos.

Talvês, na diferenciação das circunstâncias geográficas, e de suas reações antropológicas, econômicas e políticas, em que se processam os fatos históricos, esteja a razão do moderno conceito de que a História se repete apenas na aparência dos cometimentos ou melhor que a História não se repete.

Na realidade, determinadas peculiaridades geográficas, em particular as decorrentes da posição, podem até refratar determinadas ações históricas se promovidas com a intenção, consciente ou inconsciente, de repetir cenas passadas, sem que se atente para as diferenças estruturais dos palcos e de seus reflexos sobre os atores, pelas ações e reações de fatos geográficos fundamentais. Pode-se chegar a admitir que os grandes desastres históricos, como os que sobrevieram aos imitadores de Napoleão, venham encontrar explicação satisfatória, se observados sob o ângulo do desajustamento geográfico.

E parece fora de dúvida que os vínculos entre a História e a Geografia, cada vês mais se aprofundam, se bem apreciados seus impactos sobre a cartografia.

Nêsse meado de século que estamos vivendo é notória a influência do avião como meio de transporte e dos poderosos meios de comunicação rádio-elétricos; a tendência irresistível à circulação transpolar e à sistematização das rotas por círculos máximos; a necessidade da consideração dos fatos rigorosamente ajustados à forma esférica do globo terrestre; enfim, a urgência de encerrar-se o ciclo de civilização sintetizada pelas descobertas marítimas, em que êsse planeta poderia ser visto como um arquipélago de continentes-ilhas.

Até então bastava a representação cartográfica pelo sistema Mercator, cuja imagem deformatória se podia aceitar, na verdade o mais generalizado dos sistemas de projeção, porque utilizado nas cátedras, nos planejamentos políticos e estratégicos, nos estudos históricos e na conceituação geográfica que deveria culminar com as concepções da Geopolítica, tal a excelência de suas representações para a era que se vai findando, a era do Equador como centro de interesse em relação aos feixes de circulação marítima, mas deficientes quando as distâncias se tornavam eminentemente dinâmicas por que transpostas no dorso de aeronaves, como expressão máxima da Velocidade, a marca da nova era que se inicia em que as distâncias se contam em termos de tempo, de "flying-time-hours and minutes".

Agora, nos estudos geográficos que se procedem, têm-se como bem entendida e imperiosa a disposição de cartas em projeção adequada aos objetivos visados, mas, em qualquer caso, à base de evidência de que a Terra é redonda mesmo.

A luz dessas considerações, é de acreditar-se que muitos dos erros políticos e estratégicos em torno da segunda Guerra Mundial, e que a História já registrou, tenham decorrido de raciocínios sobre mapas em projeção Mercator, que por sua natureza inadequada aos fins colimados, inspiraram decisões sobre bases, por assim dizer ilusórias, ao ponto de criarem a mística da inexpugnabilidade, qual outra Linha Maginot, por demais arcaizada porque em termos mundiais.

Disso poderia convencer-se qualquer que transportasse as conclusões de Mackinder, tão largamente exploradas por Haushofer, para um mapa de equidistância azimutal, tendo como centro o já famoso Heartland.

Inversamente, pode-se admitir que o uso já corrente de mapas em projeção azimutal-polar, nos conselhos de governo e nos estados-maiores combinados, venha contribuindo fortemente para a visível delonga na eclosão da Terceira Guerra Mundial, tais as realidades decorrentes da consideração prática, efetiva da forma esférica da Terra, face aos atuais meios aéreos de transporte e rádio-elétricos de comunicação, em plena vigência.

Tal é a importância, Senhores, dos sistemas cartográficos na apreciação dos fatos históricos.

Em tais circunstâncias, felizes os historiadores que concordam em ver "a História como a Geografia posta em movimento".

Para êstes, será fácil concluir da aceleração dêsse movimento se bem considerados os meios de que dispõe o Homem, crescentes e cada vês mais poderosos depois da chamada Revolução Industrial, que ainda continúa, da máquina a vapor e do motor de combustão interna, da intensa e extensa aplicação da energia elétrica e amanhã da energia nuclear, que tudo faz do Homem, êle mesmo, dos mais rigorosos agentes modificadores da Geografia e como que o autor, êle próprio, da História — o Homo Sapiens, em sua plenitude, que não mais se conforma ao papel mais ou menos fatalístico de simples ator.

A completa subversão de certas expressões geográficas como as regiões desérticas e montanhosas, os oceanos e as regiões glaciais, subversão conceitual que faz dos continentes quase que um mito pela visão global que se tem do complexo terráqueo, há-de corresponder, por sem dúvida, idêntica subversão no processus histórico, nos métodos e procedimentos da História. Como que não é mais ao Teatro que se devem associar as cenas e os cenários de História mas, antes, às cenas e aos cenários projetados nas telas pela cinegrafia. Tal deve ser o resultado do encurtamento das distâncias, da aceleração dos cometimentos, do esferoidal nas concepções.

Aqueles dos historiadores que melhor estejam ajustados ao conceito estático dos palcos geográficos, melhor e mais rapidamente se adaptarão à dinâmica da contemporânea conceituação geográfica em suas relações de causa e efeito com os fatos históricos.

É certo — que a História continuará científica na pesquisa dos fatos, mas a colheita do material cada dia se torna mais concreta pela gravação do som e da imagem, como peças essenciais do do-

cumentário.

De especulativa e imaginativa na interpretação dos fatos deverá passar à objetividade, para que se cumpram suas reais finalidades como instrumento altamente educativo e capaz de levar à compreensão do homem e à explicação do presente como assim o entendem os filósofos da História e os historiadores mais eminentes, embora, por vezes, em campos adversos. Apenas deverá manter a forma literária em sua composição mais facilmente para melhor fundamentar seu juízo crítico sobre os homens e sobre as coisas.

Quer parecer, assim, que o velho preconceito de que só o passar lento e ponderado do tempo permite fazer História, deixará de ser verdadeiro, de vês que se começa a fazer História no momento mesmo em que se passam e pela maneira por que se registram os fatos históricos, de vês que é inadivável interpretar os fatos que acabam de passar no ritmo acelerado em que se processa a História através a constante transmutação da Geografia.

Para comprová-lo, basta assinalar que os contemporâneos das duas Guerras Mundiais sabem mais e melhor da Segunda do que da Primeira, cuja figura está por terminar em muitos dos seus pormenores, o que não acontece à Segunda pela apreensão imediata dos arquivos, pela documentação foto e cinematográfica, pela intensa e oportuna divulgação do documentário, pela riqueza das peças cartográficas em projeção adequada à compreensão dos fenômenos políticos e estratégicos em causa.

Tudo faz crêr, finalmente, que não mais será útil a busca do idêntico para a compreensão do atual, senão a procura do contraste com o totalmente estranho, como o novo em folhas que é o presente. Só por efeito do contraste se poderá entender, por exemplo, a lenta e amargurada agonia da Inglaterra dos tempos do poder marítimo, agonia que faz da era Vitoriana quase que uma lenda.

Heráclito e Leibnitz acordaram em que a continuidade histórica só é possível se considerado o permanente na mudança — talvez o quadro geográfico como fator constante, mas, certamente, tinham o pensamento na mudança-evolução e nunca teriam pensado, por mais geniais, em mudança-revolução sobre o sentido das expressões e representações geográficas, como das mais tremendas variáveis, na elaboração e no desfêcho dos fatos históricos.

E cumpre lembrar que apenas iniciamos a Era da Velocidade, sem dúvida, de imprevisível alcance. Felizes os historiadores, seja-me permitido insistir, que concordam em ver "a História como a Geografia posta em movimento".

General Mário Travassos